

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V. 6, N. 2, jul./dez. 2007



Fas. 57399 Clas. PER  
Arquivo & Administração  
v.6 n.2  
jul./dez. 2007

## O que é a AAB

A Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB, fundada em 20 de outubro de 1971, com a finalidade de dignificar socialmente a profissão é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública no Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Decreto nº 1200, de 13 de abril de 1977. Promove o Congresso Brasileiro de Arquivologia e edita a Revista Arquivo & Administração desde 1972, além de promover o Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, desde 2005.

É membro integrante do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ, do Conselho Internacional de Arquivos – CIA e da Associação Latino Americana de Arquivos – ALA.

## Principais Objetivos

- Cooperar com organizações nacionais e internacionais, públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos;
- Promover, por todos os meios, a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho de arquivo, organizando ciclos de estudos, conferências, cursos, seminários, congressos, mesas-redondas;
- Estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres;
- Prestar consultoria, assistência e serviços técnicos.

## Serviços que a AAB oferece

- Consultoria;
- Assistência técnica;
- Indicação de profissionais e estagiários;
- Organização de congressos, seminários, cursos e palestras;
- Cursos in company específicos para atender às necessidades da empresas.

## Quadro Associativo

Podem ser admitidos como Sócios da AAB, sem qualquer discriminação, as pessoas que exercem atividades arquivísticas, as que se interessem pelos objetivos da Associação, além das empresas públicas e privadas.



**Associação dos  
Arquivistas  
Brasileiros**

aab@aab.org.br  
Av. Presidente Vargas, 1733 - sala 903  
CEP: 20.210-030 - Centro - Rio de Janeiro  
Tel/Fax: 55 (21) 2507-2239 / 3852-2541

# arquivo & administração

v. 6, n. 2

jul./dez. 2007

## SUMÁRIO

EDITORIAL	3	Jose Maria Jardim Lucia Maria Velloso de Oliveira
ARTIGOS	5	Debate between Terry Eastwood and Theo Thomassen
	15	Debate entre Terry Eastwood e Theo Thomassen
	25	En torno al tipo documental <i>Antonia Heredia Herrera</i>
	51	Un aspecto de la privatización de los servicios públicos : la externalización de la custodia de los documentos : un tema controvertido <i>Maria Luisa Conde Villaverde</i>

Arq. & Adm.	Rio de Janeiro	v. 6	n. 2	p. 1- 64	jul./dez. 2007
-------------	----------------	------	------	----------	----------------

PER

Copyright © 2004 by Associação dos Arquivistas Brasileiros

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação: Lucia Maria Velloso de Oliveira

Revisão técnica: Dilza Ramos Bastos

Editoração eletrônica: Gustavo Monteiro

Apoio: FEMADE – Tecnologia Ltda

#### Catálogo na publicação (CIP)

Arquivo & Administração/Associação dos Arquivistas Brasileiros. Ano 1, n. 0 (1972) -

Rio de Janeiro: AAB, 1972 -

v. : 23 cm.  
Semestral

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros.

ISSN 0100-2244

1. Arquivo – Periódico. 2. Gestão de documentos – Periódico. I. Associação dos Arquivistas Brasileiros.

CDD 025.171

R. 57399

#### ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

##### Membros da Diretoria e do Conselho Editorial

##### Diretoria

Presidente: Lucia Maria Velloso de Oliveira  
Vice-presidente: Eliana Balbina Flora Sales  
1º Tesoureiro: Renata Silva Borges  
2º Tesoureiro: Alcides Sodré Peçanha Filho  
1º Secretário: Isabel Cristina Borges de Oliveira  
2º Secretário: Laura Regina Xavier

##### Conselho Editorial

Paulino Lemes de Sousa Cardoso  
José Maria Jardim  
Lucia Maria Velloso de Oliveira  
Maria Odila Fonseca (*In memoriam*)  
Paulo Elian  
Sérgio Conde Albite Silva

## EDITORIAL

A revista *Arquivo & Administração* é a publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros – AAB, dirigida aos arquivistas e demais profissionais da informação, com o objetivo de difundir o conhecimento produzido no âmbito da Arquivologia, no Brasil e em outros países.

Este novo número da Revista apresenta um instigante diálogo entre os professores Theo Thomassen e Terry Eastwood, ocorrido durante o II Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, evento promovido pela AAB, na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 15 e 16 de março de 2007. Após a sessão presidida pela nossa querida professora Maria Odila Kahl Fonseca, ocorreu uma rica discussão entre Thomassen e Eastwood sobre a necessidade de adotarmos uma visão crítica em relação aos modelos e padrões e sobre a interdisciplinaridade. Mediante a publicação desse debate, esperamos contribuir para a ampliação dessas questões.

Ainda, visando cumprir com o compromisso da AAB, de promover canais de intercâmbio e de acesso à produção de conhecimento em outros países, a Revista *Arquivo & Administração* apresenta dois artigos de colegas espanhóis.

Antonia Heredia Herrera, discorre em seu artigo *En torno al tipo documental* sobre a evolução histórica; o tipo documental na Diplomática, na Bibliografia da área; e a metodologia aplicada à temática. Esse artigo foi também publicado no Boletín de ANABAD, 2007.

Maria Luisa Conde Villaverde apresenta em seu artigo intitulado *Um aspecto de la privatización de los servicios públicos: la externalización de la custodia de los documentos*, uma interessante discussão sobre a terceirização no campo arquivístico. Essa discussão também foi apresentada durante a III Jornada Técnica de Arquivos na Administração Local, com o tema, Arquivos e novos modelos de Gestão, em Málaga, 2007.

Esta edição da revista contou com a colaboração de Victor da Cunha Ribeiro, na tradução do debate entre Theo Thomassen e Terry Eastwood, de Lucia Maria Velloso de Oliveira, na revisão técnica da tradução, e de Maria Celina Soares de Mello e Silva, na revisão da tradução para o Português.

Jose Maria Jardim

Lucia Maria Velloso de Oliveira

Well, since there are no more questions, we are going to end this morning's plenary session, and I think it is important that we highlight the excellence and the interest on both the conference and the debate. I think that we, from the Brazilian Archivists Society are to be congratulated for the organization of the event. We are having here a deep and unique opportunity to update ourselves and to also realize that we are in Brazil and following an international agenda. That, for us, is very important since our academic visibility is small, even inside governmental area. But I think that events like this show us that we are heading the right way, and that we already have a critical mass, even enough for us to make the right invitations and set up these events. This demonstrates that we are, let's say, *up-to-date* with the matters of scientific archeology.

## DEBATE ENTRE TERRY EASTWOOD E THEO THOMASSEN

Nos dias 15 e 16 de março de 2007 a Associação dos Arquivistas Brasileiros promoveu na cidade do Rio de Janeiro, o *II Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas*. No dia 16 de março, em plenária presidida pela professora Maria Odila Kahl Fonseca, os professores Terry Eastwood e Theo Thomassen responderam às questões encaminhadas pela platéia e nos ofereceram um debate científico da maior relevância para Arquivologia.

Terry Eastwood é professor emérito da School of Library, Archival and Information Studies, University of British Columbia, Canadá e Theo Thomassen é o diretor da Reinwardt Academy, Faculty of Museology of the Amsterdam School for the Arts, Holanda.

**Maria Odila Kahl Fonseca, presidente da sessão plenária, professora da Universidade Federal Fluminense:**

Bom, temos tempo para o debate e eu gostaria de solicitar aos que desejarem fazer alguma pergunta ou comentário, por favor, que se dirija ao microfone.

**Lucia Maria Velloso de Oliveira, chefe do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa:**

Professor Terry Eastwood, gostaria que o senhor comentasse a posição do professor Theo Thomassen quanto ao cuidado que devemos ter em relação à possibilidade de "engessamento" que a padronização da descrição arquivística possa nos conduzir.

**Terry Eastwood:**

Qual era a sua preocupação mesmo? Qual era o seu receio em relação à padronização?

**Theo Thomassen:**

Eu disse que a padronização não deveria ser um objetivo em si, que a padronização é um tipo de interpretação e talvez nós deveríamos "problematizar" a padronização, ao invés de promovê-la e vê-la meramente como uma ferramenta necessária.

**Terry Eastwood:**

Sim, certamente, é um meio e é uma das metodologias dominantes. Acho que posso apresentar o modo pelo qual eu olharia isso de maneira bem simples. Vamos pegar,

por exemplo, o que alguns críticos já falaram, que você deveria declarar a si mesmo, quem você é, nos instrumentos descritivos, talvez algo sobre a perspectiva que se pode adotar e os propósitos que se está tentando alcançar. Então, isso significaria que o padrão descritivo teria que ter um elemento dentro de si que permitiria ao arquivista colocar aquela informação no lugar apropriado. Francamente, acho que tem havido um grande mal entendido em relação a esses padrões. É isso que os padrões o ajudam a fazer. Eles ajudam a identificar as várias categorias de informação e dão uma certa direção em como se pode formular o conteúdo que é inserido ali. O que eles não falam nada a respeito é como se deve apresentar esse material aos usuários. Agora, acho que estamos descobrindo, dos tipos de coisas que Theo nos mostrou, que talvez seja melhor mostrar as coisas a genealogistas de uma maneira diferente. Eles obviamente não querem ter que trabalhar com um inventário tradicional. Isso não funciona para eles. E, de maneira interessante, o que eles fazem é se envolver. No Canadá, em vários arquivos, genealogistas têm participado e realmente produzido os índices nominais para uma série de documentos. Assim, todo genealogista pode rapidamente e eficientemente achar o que eles querem, porque os arquivistas simplesmente não tiveram tempo para fazê-lo. Muitos arquivistas presumiram que tudo o que eles precisam fazer é produzir uma única descrição no modo padronizado, e apresentá-la nessa maneira, o que talvez não seja compatível para usuários; isso é a última coisa que deveria acontecer. Esses padrões estão nos bastidores. Eles estão somente ajudando os arquivistas a identificarem a informação, e eles podem expandir o universo daquela informação que nós queremos arquivar. Acho que não discordo do Theo nesse ponto.

#### **Theo Thomassen:**

Na minha opinião, um padrão também é um tipo de modelo. Precisamos de modelos para entender o mundo. Um modelo é uma maneira de olhar para as coisas; logo, um modelo nos ajuda a ver algumas coisas, e outras nós não vemos porque usamos esse modelo. Você descreveu a história da organização e descrição do arquivo. O Manual Holandês (The Dutch Manual) é tal modelo, é tal padrão e é muito interessante ver como ele está reinterpretando arquivos mais antigos, não porque ele formulou os princípios da Proveniência (Provenance) no nível dos arquivos e a ordem original no nível do documento, mas ele defendeu a aplicação de uma classificação natural. E a classificação natural era, na opinião dos autores do manual, uma representação de como organizações antigas deveriam ter sido, como elas deveriam aparentar. Então, eles aplicaram essa metodologia, modelo e padrão a arquivos de antigos regimes da Holanda, mas esses arquivos não foram organizados de acordo com uma classificação natural de maneira

alguma; e sim, de acordo com a forma de material - regulamentos, cartas enviadas e recebidas etc. Agora estes arquivos mudaram, estão com uma aparência diferente da anterior. Qual é o problema então? Bom, isso é parte da minha tese, então, demoraria mais tempo para explicar. No século XIX, arquivistas processaram esses arquivos e o fizeram com o modelo de organização estatal do século XIX em mente, ou seja, governos centralizados. Ao desenvolver uma classificação natural, pegaram idéias desse tipo de organizações governamentais e as aplicaram aos arquivos. Assim, muitos dos arquivos do antigo regime da Holanda são bem parecidos com os arquivos do século XIX e a história construída nesses arquivos reflete como a organização governamental do século XIX era. Esse é um ponto. Outro ponto, em relação a padrões, é que eles são necessários; nós precisamos de padrões assim como precisamos de modelos, mas é muito perigoso aplicá-los. É preciso ser muito crítico em relação a eles, portanto, uso a palavra "problematizar". É uma palavra nova da minha própria dissertação, e ela ainda não está concluída exatamente por essa razão. Porque a minha especialização é nos arquivos do Estado Geral Holandês durante o período de 1576 até 1795. São mil e duzentos metros de arquivos espelhando os dados da República Holandesa naquele tempo ao redor do mundo. Ainda era organizado de acordo com a forma de material e não muito acessível a usuários. Então, o que tentei fazer foi aplicar o método de análise funcional ao Estado Geral e identificar missões, objetivos, funções, estilos, atividades etc. Depois, liguei as atividades aos documentos - eu já havia feito um modelo de dados. Tínhamos uma base de dados: eu a alimentei com toda a informação e vi que era possível criar tal base e fazê-la acessível a usuários daquela maneira. Depois, decidi parar o projeto inteiro: já tinha me tomado em torno de três a quatro anos. Mas entendi que o que estava fazendo era mudar todo o Estado Geral pois, ao pesquisar a estrutura, gradualmente descobri que era necessária outra abordagem que não a dos arquivos do século XIX. Não se pode distinguir funções, tarefas etc., nesse corpo organizacional, em termos de relação pais e filhos. O Estado Geral era um órgão representativo atuando como um órgão soberano ao mesmo tempo. Mas eles o fizeram, em regiões diferentes, de maneiras diferentes; logo, a função é ligada a "mandato A" na "região A" e "mandato B" na "região C", quando você está padronizando isso. Ou vamos colocar de outra maneira: o seu fator mais característico é que não era padronizado e eles nem sempre sabiam como organizar coisas em regiões diferentes. Havia um exército de advogados disputando quem teria o privilégio de fazer isso ou aquilo. Então, para concluir, (eu discuti isso com Michael Fox<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Michael Fox, director da sociedade Histórica de Minnesota, participou do evento e ministrou o curso: Porque EAD e EAC: a padronização do gerenciamento eletrônico da informação arquivística.

ontem, talvez possamos perguntar a ele durante esta tarde) que talvez não seja muito sábio aplicar padrões como EAD ou ISAD-G, que são aplicáveis ao contemporâneo, a arquivos de tempos anteriores e que, originalmente, não tinham essa estrutura de pais e filhos. Você concorda comigo?

#### **Terry Eastwood:**

Novamente o que Stefano Vitali falou é que tudo depende da história do órgão que criou os arquivos e da história do conjunto de documentos que foi produzido. Acho que isso é um problema difícil da Arquivologia. Imagino que aqui muitas pessoas tenham lido o famoso artigo de Michel Duchéin “o respeito aos fundos” e, principalmente se você é um historiador de arquivos, não pode simplesmente supor que o que está diante de você agora era exatamente o que foi gerado pelo órgão que os gerou há muitos anos atrás. Muitas coisas podem ter acontecido. Podemos apenas descrever, documentar ou fornecer informação sobre aquilo que sabemos com certeza ou o que fontes confiáveis nos dizem, mas somente até a extensão do que realmente sabemos sobre essas coisas. Logo, as questões de identificação do que iria constituir uma série de documentos e qual seria o seu real contexto de produção. Parece-me que, apesar de não ter estudado sua história, seria lógico que a primeira coisa que alguém faria se fosse usar os arquivos do Estado Geral dos quais você falou, seria entender relativamente bem o que era o Estado Geral, como ele operava e qual seu propósito. Era um órgão legislativo ou teria uma função legislativa e judicial? Depois, ver o que ele fazia e tentar ver como, se de algum modo, essas funções estavam refletidas nos documentos. Elas não podem estar refletidas de nenhuma maneira, pois naquela época, os documentos eram arquivados tendo como base a forma documental. Um documento recebido seria arquivado separadamente de um documento expedido. E, se fosse minuta, era arquivada em outro lugar e assim por diante. Isso é bom, porém, é muito sutil. Mas a obrigação é ser leal aos documentos e seu contexto. Essa é a dificuldade. O mundo sobre o qual Theo estava falando é importante e eu apoio quase tudo que você falou sobre prestar atenção aos usuários e envolver-se com os usuários. Os arquivos precisam ser instituições mais populares do que são, muito mais pessoas podem se deleitar e se beneficiar do conhecimento e uso de arquivos do que atualmente o fazem. Isso só vai criar uma sociedade gradativamente mais instruída e talvez numa sociedade onde as pessoas sejam mais preocupadas com as suas raízes e seu passado. Eu não sei, acho que seria mais visível. É necessário, então, que haja esse apoio, mas acho que esse argumento que revelei fala sobre essas duas coisas. Por um lado, está se tentando fazer isso, mas por outro, vê-se que o objetivo tradicional de que a descrição deveria ser de forma explicativa. Este não é o significado de documentos individuais, de

forma alguma, porque não podemos realmente descrever todos os significados que podem ser dados as coisas; não poderíamos fazer isso, não somos oniscientes. Mas queremos dar aquela informação básica, talvez até dizer alguns fatos sobre os arquivos que vão orientar o usuário que queira ser orientado. Alguns não precisam ser. A pessoa que vai para um banco de dados e, Bingo! Descobre um nome e depois sabe que Catherine nasceu no dia 10 de março de 1857 e pronto! Estão felizes. Essa não é a pessoa com a qual estamos preocupados quando tentamos explicar os arquivos do Estado Geral. Eles são diferentes. Devemos nos preocupar com todas estas coisas. Acho que esse é o trabalho da descrição, o que é uma das razões pelas quais fiz a pergunta. Trabalhei durante oito anos como arquivista e amava o trabalho de descrição, mas não achava fácil e muitas vezes ficava perplexo. Muitas vezes era difícil entender o que se tinha diante. Lembro que uma vez estávamos reunidos em uma sala do Departamento de Terras, que tomava conta das terras públicas ao redor da Província, e eles tinham um armazém em algum lugar. Disseram: “Nós achamos que vocês arquivistas deveriam ir para esse armazém”. A sala era provavelmente do mesmo tamanho que a área da platéia que temos aqui e havia pilhas de arquivos, pilhas de listas antigas ali, pilhas de documentos aqui, eram caixas de papelão antigas preenchendo armários aqui e ali. Lá era um local de descarte de arquivos por 50 ou 60 anos. Era como um antropólogo chegando a um “midden”. Você sabe o que é um “midden”? É um local onde os nativos descartavam coisas, logo era um grande armazém de artefatos do passado, porque era um local de descarte para o povo nativo norte americano. Então, “middens” se tornaram extremamente importantes para os antropólogos porque eles estavam achando um número maior de coisas do que achariam normalmente e isso era um verdadeiro desafio. Alguns daqueles documentos eram muito antigos para o Canadá, para a parte onde vivo; alguns daqueles arquivos eram da década de 1850. A primeira Administração Européia na Columbia Britânica foi em 1849. Havia documentos importantes e interessantes, mas o contexto em que aqueles arquivos foram criados fora quase completamente perdido. Não se conseguia descobrir por aqueles documentos. Era preciso ir a outros lugares para entender de onde eles vieram, partir de pistas, e assim por diante. Novamente, esses são pontos difíceis na identificação e acho que esses são problemas duradouros para arquivistas. A outra coisa que acontece é que a maioria dos arquivistas está trabalhando com documentos muito atuais e o que eles trazem normalmente é um entendimento quase instantâneo do contexto em que estes documentos foram criados. Mas se eles não arquivarem esses documentos apropriadamente, os arquivos não falarão deste contexto daqui a 100, 200, 300, 400 anos. Não é justo com os arquivistas do futuro não ter feito bem esse trabalho agora, porque eles terão que refazê-lo, e isso é sem sentido! Sem contar que eles não terão tempo;

estarão muito ocupados com os documentos de sua era. Temos muitos arquivos nesse mesmo caso agora. Podemos fazer um trabalho melhor. Acho que padrões ajudam e, sim, eles não deveriam ser transformados em uma panacéia. São modelos particulares que devem ter suas limitações e, portanto devem estar constantemente sujeitos ao escrutínio crítico e não devem ser vistos como a melhor e única solução. De fato, nunca se deve considerar o seu padrão como a melhor e única solução. Mas, como disse, acho que muitas vezes os críticos de padrões não gastaram nenhum tempo descrevendo arquivos. Alguns deles nunca gastaram nenhum tempo sequer descrevendo arquivos em sua vida, mas pegam a visão do intérprete e acreditam que sabem fazer melhor, dizendo para os arquivistas que o seu padrão é errôneo, e eu fico muito aborrecido com eles!

**Theo Thomassen:**

Agora devemos concordar com o Terry! O que eu fiz, na verdade, foi aplicar esses padrões aos arquivos, esse foi o ponto de partida. E gostaria de fazer um comentário em relação ao que você disse sobre trabalho histórico. Concordo com a maioria do que você disse, é claro, fazemos parte da mesma tradição, mas é uma questão de ponto de vista. Essa pesquisa histórica, para representar o contexto de um arquivo é, obviamente, um ato de interpretação. E quanto mais você pesquisa isso - o produtor do documento - mais você está interpretando o arquivo; isso é uma coisa. Em segundo lugar, minha objeção ou minha crítica à aplicação de padrões descritivos (e é claro que não se pode ficar sem eles, eu sei disso) é que, implicitamente ou explicitamente, eles são usados não para descrever documentos como tais, mas para fazê-los compreensíveis. Eu procuraria pelo que não é compreensível nos arquivos, particularmente em arquivos de outras culturas ou outros tempos, porque Foucault disse, e eu concordo com ele, que o recurso mais característico de uma cultura está no seu modo de organização. Logo, se uma cultura é muito diferente da nossa, você não entende o modo de organização de seus arquivos, então você deveria manter a organização encontrada, porque essa organização que você não entende é o que você deve preservar e ela dará ao historiador ou pesquisador uma razão para pesquisá-los. Não sei se os mesmos procedimentos são seguidos em outros países, mas no meu, em todos os inventários, nos tradicionais, você lê na introdução: "É claro que eu tive que reorganizar a ordem original, mas não havia nenhuma ordem sequer visível, então eu fiz do meu modo".

**Terry Eastwood:**

Sim, acho que isso é ruim, mas também acho que você está somente se focando no que está no centro disso e esse é o motivo pelo qual isso é incômodo para as pessoas que não

atuam nos arquivos. Eles, às vezes, pensam que isso tudo é muito doutrinário. É por isso que o meu colega e outro antigo estudante, Robert Krawcyck, disse que nós amamos esses padrões descritivos que estamos aplicando, mas não temos um consenso em relação a padrões para identificação ou organização e isso é exatamente o que você está dizendo. Concordo com você que é uma absoluta necessidade para o arquivista (e pensei que essa sempre foi parte da melhor teoria de padrão, pelo menos), que não mexemos com aquilo que não entendemos.

**Theo Thomassen:**

Nós concordamos, Terry!

**Terry Eastwood:**

Isso é uma regra do trabalho. Mas, veja bem, é muito interessante porque é isso que está se dizendo: que a sua principal responsabilidade é ter certeza de que se pode, de alguma maneira, comunicar esses arquivos com o mínimo possível, porque sempre haverá algum embaçamento da visão geral. Não é uma tarefa fácil comunicar algo, traduzir algo do tempo da República Holandesa ou do Brasil do século XIX. E as pessoas vão ter acesso aos materiais mesmo não entendendo muito.

**Participante do evento não identificado:**

Vai ser interessante ampliar os esforços de dedicação à questão da contextualização. As normas devem determinar, mas ao mesmo tempo, têm que respeitar as especificidades. Estas normas são bastante amplas e permitem diferentes possibilidades de concretização do trabalho em descrições específicas que já estamos discutindo. E a idéia é exatamente de construção de um informativo que ajude a reconstruir e a permitir e explicitar o contexto em que os documentos são produzidos.

**Terry Eastwood:**

Estou feliz que o último participante tenha tocado na questão de contexto, que é obviamente muito difícil e como Theo mencionou, o quanto mais você tenta explicar o contexto histórico do passado, mais você se torna um intérprete. Então, é uma área difícil, mas é certo documentá-la. A descrição do contexto é normalmente negligenciada. Acho que nós devemos trabalhar cuidadosamente, também acho que devemos ter cuidado em relação à linguagem das funções, atividades, mandatos; esses são termos modernos e precisamos ter cuidado com a dimensão histórica. Mas eu acho que a coisa mais importante é que quase todos os esforços dos arquivistas ao redor do mundo, no

momento, estão voltados para a questão do contexto, o que é muito interessante porque, no meu país, inicialmente, nos arquivos, antes de existir uma educação arquivística, quem você acha que era contratado? Qual era o seu treinamento? Que tipo de pessoa trabalhava nos arquivos? Historiadores, sim! Pessoas que tinham treinamento em história. Assim, muitas dessas pessoas, quando a educação arquivística chegou, logo disseram: "Vocês estão perdendo a dimensão histórica, vocês estão virando administradores de informação". Eles se preocupavam com a possibilidade da educação arquivística, de alguma maneira, se tornar escolástica ou ser engolida pela Biblioteconomia. Acho que uma das maneiras na qual essa orientação histórica de arquivos é direcionada se reflete em nosso interesse em instruir estudantes sobre as dificuldades de interpretação que um arquivista encontra. Quando se avalia documentos, quando se descreve documentos, sim, não existe posição neutra. Quer dizer, é um mau argumento acusar arquivistas de ingenuidade em sua objetividade. Nenhum ser humano sensível diria em momento algum que o arquivista era uma pessoa neutra. Mas isso não significa que a sua responsabilidade não é fazer o que o Theo quer que seja feito com os arquivos do Estado - "não mexa com isso" - mas, de alguma maneira, explique isso bem o suficiente para que o usuário não seja direcionado de maneira errada. Você não pode dizer tudo. Isso significa uma sofisticada e sensível descrição de contexto, o que é algo que arquivistas têm que fazer. E isso vai ajudar se os padrões puderem também ajudar a moldar o que tal área é, e então artigos serão escritos e as pessoas falarão a respeito disso e eles vão distorcer ou ampliar o significado. Logo, acho que essas coisas são todas muito saudáveis e eu gosto de pensar que arquivistas, em um trabalho descritivo, inevitavelmente se tornam uma espécie de historiador; não existe dúvida em relação a isso. Mas uma espécie muito especial de historiador, com um propósito muito especial e uma mensagem muito especial que é propriamente sua. E é isso que supre a ciência arquivística.

**Maria Odila Fonseca, presidente de mesa, professora da Universidade Fluminense:**

Temos mais uma pessoa inscrita para perguntas.

**Participante do evento não identificado:**

Em que medida a lingüística pode auxiliar na construção de uma linguagem documentária e na recuperação da informação?

**Theo Thomassen:**

Podemos olhar para o que vimos no website Tilburg. Lá podemos começar com uma pesquisa livre nos bancos de dados e, se encontramos um documento, encontramos o

contexto junto. Então, começamos com o específico e vamos para o mais complexo. Também podemos fazer o oposto e procurar algo baseado no contexto institucional, indo do geral para o específico. Existe um método no meio que é o de vocabulários controlados. É uma combinação da pesquisa livre com o modo mais contextualizado de pesquisa. Então, para a sua primeira pergunta, acho que todos os métodos de pesquisa são úteis. Agora temos possibilidades de combiná-los e deixar que os usuários escolham e se percam do jeito que quiserem. E quanto à sua pergunta se a interdisciplinaridade em lingüística ajudaria ou não, estou muito confiante em relação a isso. Sim, na verdade, foi na lingüística que o pós-modernismo nasceu, mais ou menos. Podemos ver a preservação de um arquivo como um meio de contar histórias; creio que todas essas noções são baseadas na lingüística. Seria muito interessante investigar até que ponto a ciência arquivística poderia se beneficiar da lingüística.

**Terry Eastwood:**

Também estou muito confiante. Tivemos um número de estudantes com um passado em lingüística e eles apresentaram coisas bem interessantes na graduação e também depois. Robert Krawcyck, que construiu o Sistema de Controle em Série nos Arquivos de Ontário em Toronto, Canadá, tem um passado em lingüística e tem escrito muito bem sobre esse assunto no volume 48 da revista *Archivaria*. Também sou de opinião que o trabalho interdisciplinar é necessário. Na Arquivologia, dentro da demonstração de Theo, observamos questões interessantes em relação à interação homem/computador e a necessidade de se construir modos para satisfazer às pessoas e à natureza daquele ambiente. Obviamente, ele tem feito coisas muito inteligentes em seu trabalho: conectam-se com o grupo de usuários e capitalizam o entusiasmo das pessoas, e os arquivistas estão se envolvendo. Isso é exatamente o que esse ambiente encoraja, e creio que tudo beneficia a instituição arquivística porque ela se torna menos impenetrável. A maioria das pessoas imagina os arquivos como esse lugar impenetrável, onde não se pode penetrar e que não se entende. Não se consegue ver nada, entra-se lá e tudo o que se encontra são instrumentos de busca, que também não são entendidos, e é difícil encontrar qualquer coisa. Mas isso tudo é novo. Acho que pode ser muito frutífero em termos de educação trabalhar com outras pessoas, que são experientes em outras áreas. Nesses meus últimos vinte e seis anos ensinando Arquivologia, tenho lutado para desenvolver um melhor entendimento, por parte dos meus estudantes, das novas tecnologias e não tem sido fácil, na minha Universidade, conseguir muita ajuda de outros departamentos. Eles estão ocupados ensinando seus próprios estudantes. É preciso trabalhar duro para adquirir esse conhecimento. Se solicitarmos que os estudantes façam um curso, eles voltam e dizem:

“Não houve nenhuma conexão com o que eu estou interessado”, e dizemos: “Vocês mesmos têm que fazer as conexões”. Mas é claro que nem sempre funciona assim. Então, isso é um assunto difícil, porém importante”.

**Maria Odila Fonseca, presidente de mesa, professora da Universidade Fluminense:** Mais alguma pergunta ou comentário? Então, já que não há mais nenhuma questão, vamos encerrar a sessão plenária desta manhã. Acho que é importante a gente sublinhar a excelência e o interesse de ambas as conferências e o debate. Creio que nós, da Associação dos Arquivistas Brasileiros, estamos de parabéns pela organização do evento. Estamos tendo aqui uma oportunidade única e bastante profunda de nos atualizarmos e também de percebermos que, no Brasil, estamos caminhando dentro de uma agenda internacional. Isso para nós é bastante importante na medida em que ainda é pequena a nossa visibilidade acadêmica e restrita às próprias áreas governamentais. Mas acho que eventos como esse mostram que estamos caminhando na direção correta e que já temos uma massa crítica suficiente até para fazermos os convites adequados e montarmos eventos; o que também é uma forma de demonstrar, digamos assim, que estamos *up-to-date* com as questões de uma arqueologia científica.

## EN TORNO AL TIPO DOCUMENTAL

**Antonia Heredia Herrera**  
Profesora en la  
Universidad Internacional de Andalucía

### *Dedicatória:*

*Atantos colegas hispanoamericanos, que me han dado desde su cariño hasta sus conocimientos, entre los cuales están Alicia Casas, Ana M<sup>a</sup> Almeida, Heloisa Liberalli, Mirella Callejas, Manuel Vázquez, con mi profunda gratitud.*

“...el interés por la tipología documental sobrepasa el punto de una fijación terminológica, de preciosismo profesional definitorio porque el propio tipo lleva anejo por razón de su propio fondo y formas la manifestación de la información que conviene”

Vicenta Cortés Alonso

### RESUMEN

*Aborda conceptos y su representación en la Archivística, a partir de consideraciones acerca de la evolución histórica de los términos. Tres tipos de documentos son reconocidos: tipo diplomático, tipo jurídico, tipo documental. Considera que es necesaria una precisa nomenclatura para distinguir las unidades documentales semejantes y darles nombre para su representación. Refleja sobre: el tipo documental en la bibliografía; las diferencias metodológicas; y sobre lo tipo documental, forma y unidad documental.*

**Palabras clave:** *Archivística; Análisis documental; Descripción archivística; Tipología documental.*

### Around a documental type

#### Abstract

*It addresses concepts and their representation in Archival Science, from considerations about the historical evolution of the terms. Three types of documents are recognized: diplomatic type, legal type, documental type. It considers that is required a precise*